

## O ENSINO DE LÍNGUAS

### UMA ANÁLISE DIALÓGICA E ERGOLÓGICA DA ATIVIDADE DO PROFESSOR DE CURSOS LIVRES

*Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)*  
[lucianafreitas@uol.com.br](mailto:lucianafreitas@uol.com.br)

A presente comunicação visa a apresentar um projeto de tese em desenvolvimento cujo objetivo é analisar o trabalho do professor de Língua Espanhola que atua em cursos livres de idiomas. É concebido a partir da concepção dialógica de linguagem (Bakhtin, 2003) e da abordagem ergológica da atividade (Schwartz, 1997).

A seguir, o texto se organiza em duas sessões: a primeira, com algumas questões relativas ao ensino de espanhol em cursos livres; a segunda, com o quadro teórico da investigação e uma breve referência aos procedimentos metodológicos adotados.

#### O ENSINO DE ESPANHOL EM CURSOS LIVRES

O ensino de Língua Espanhola (E/LE) em cursos livres de idiomas é uma área quase inexplorada no Brasil no que diz respeito aos estudos acadêmicos. Isso ocorre apesar da enorme proliferação de instituições que, nos últimos 15 anos, vêm dedicando-se ao ensino não regular de Espanhol, seja de forma exclusiva, seja em concomitância com outras línguas estrangeiras.

Como um exemplo dessa carência de investigações, é possível citar o próprio desconhecimento da história do estabelecimento da língua espanhola nos cursos livres em nosso país. Enquanto há um número crescente de estudos acerca da história do espanhol no ensino regular (Daher, 2007; Paraquett, 2006, Picanço, 2003; Freitas; Barreto, 2007), no que diz respeito aos cursos livres no Rio de Janeiro, a única referência co-

nhecida anterior à década de 1980 é a atuação do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, fundado em 30 de maio de 1956.

Desse modo, se por um lado esta pesquisa se justifica em virtude da ausência de pesquisas sobre o seu objeto – os cursos livres –, por outro, não se veem investigações preocupadas em analisar a situação de ensino como uma situação de trabalho do professor. Como afirma Faíta (2005), o estudo dos modos pelos quais o professor se investe na realização de suas tarefas é um campo que carece de investigações.

É também fundamental mencionar que o trabalho do professor de cursos livres se reveste de características distintas daquelas do docente do ensino regular. Seguindo os passos de Daher e Sant’Anna (2008), é possível ver aí alguns elementos que tangenciam a visão taylorista do trabalho como, por exemplo: a divisão entre os que executam (os professores) e os que decidem e pensam (os coordenadores, diretores e autores de materiais); o estudo do tempo e dos movimentos (das atividades, do professor e dos alunos); a proposta modelizada de trabalho, que se aproxima de uma “mecanização da produção”; os “treinamentos” de professores como tentativa de substituir sua formação acadêmica. Essas questões serão, a princípio, as privilegiadas na análise do trabalho do professor de cursos livres.

Para isso, o foco da investigação está nas práticas de linguagem do professor, mais especificamente nas suas falas **sobre** o seu trabalho (Lacoste, 1998), e nos escritos normativos da sua atividade (Souza-e-Silva, 2000) como, entre outros, os manuais do professor, programas das disciplinas e materiais didáticos utilizados. Assim, será possível, entre outros aspectos, contrastar o etos do professor, construído por ele próprio nas falas sobre seu trabalho e nos escritos normativos que integram sua atividade, que costumam ser preparados por instâncias superiores da instituição de ensino.

Para concretizar a investigação, recorre-se ao marco teórico da abordagem ergológica da atividade (Schwartz, 1997) e

## O ENSINO DE LÍNGUAS

da concepção dialógica de linguagem (Bakhtin, 2003).

### POR UMA ANÁLISE ERGOLÓGICA E DIALÓGICA

Tendo como objeto de pesquisa o *trabalho* do professor de espanhol em cursos livres, é fundamental considerar as disciplinas que têm como objeto a análise das situações de trabalho.

A Ergologia propõe (Schwartz, 2004) uma nova abordagem do trabalho. Para isso, sugere o estabelecimento de uma opacidade na sua reflexão, ou seja, pensá-lo como um objeto denso e não como uma obviedade ou algo transparente sobre o qual não há necessidade de uma abordagem em profundidade. Isso é instituído pela Ergologia

Um enfoque que tenta desenvolver simultaneamente no campo das práticas sociais e com o objetivo de elaboração dos conhecimentos formais, os dispositivos de três pólos onde for possível. Daí uma dupla confrontação: confrontação dos saberes entre si; confrontação dos saberes com as experiências da atividade como matrizes de conhecimentos<sup>22</sup> (Institute d'Ergologie, 2007).

Na concepção ergológica, o elemento universal no trabalho é o debate de normas (normas antecedentes e renormalizações), reformulação dos conceitos ergonômicos de trabalho prescrito e realizado. Para Schwartz (2002, p. 135), as normas antecedentes são construções históricas que vão de elementos mais específicos, como as prescrições particulares para a realização do trabalho de um operador, aos mais amplos, como os políticos, econômicos e sociais. Durante a atividade, o trabalhador, com suas experiências e valores, institui a sua maneira

---

<sup>22</sup> Tradução nossa: "C'est une démarche qui tente de développer simultanément dans le champ des pratiques sociales et dans la visée d'élaboration des savoirs formels, des dispositifs à trois pôles partout où c'est possible. D'où une double confrontation: confrontation des savoirs entre eux; confrontation des savoirs avec les expériences d'activité comme matrizes de savoirs".

de realizar o que foi prescrito, ou seja, renormaliza as normas antecedentes. Na atividade, o trabalhador cria a sua parte de forma a singularizar a atividade. Assim, segundo a abordagem ergológica,

Toda atividade humana é sempre, e em todos os graus imagináveis entre o explícito e o não-formulado, entre o verbo e o corpo, entre a história coletiva e o itinerário singular, o lugar de um debate incessantemente reinstaurado entre *normas antecedentes* a serem definidas a cada vez em função das circunstâncias e processos parciais de *renormalizações*, centrados na entidade atuante [...]. (Schwartz, 2002, p. 135, grifos do autor)

Para Schwartz (2004) o debate de normas pode ser ilustrado como a mira de uma luneta, em cujo centro, no cruzamento das normas antecedentes com o trabalhador, está situado o trabalho.

No que diz respeito à relação entre as Ciências do Trabalho e as da Linguagem, é importante ressaltar que a preocupação dos linguistas com o estudo da linguagem em situação de trabalho é recente. Suas origens remontam, segundo Souza-e-Silva (2002, p. 61-62), aos anos 1980 na França e 1990 no Brasil.

A abordagem da linguagem em situação de trabalho é singular porque vê as práticas languageiras, “como parte da atividade em que constituintes fisiológicos, cognitivos, subjetivo, social etc., se cruzam em um complexo que se torne ele próprio uma marca distintiva de uma experiência específica em relação a outras” (Nouroudine, 2002, p. 21-22).

A abertura desse campo de reflexão é fundamental para a compreensão do trabalho. Como afirmam Faïta e Donato (1997, p. 149), não é possível compreender e investigar as atividades sem as contribuições provenientes das trocas verbais entre os trabalhadores. Na verdade, não existe situação de trabalho em que não haja algum tipo de interação verbal, mesmo que ela não faça parte da realização da atividade *stricto sensu*.

## O ENSINO DE LÍNGUAS

A primeira tentativa de recorte metodológico da análise da linguagem em situação de trabalho foi a distinção das falas desenvolvida por Lacoste (1998). Essa proposta diferencia a linguagem *como*, *no* e *sobre* o trabalho.

A linguagem *como* trabalho é aquela que é utilizada durante e para a realização da atividade. A linguagem *no* trabalho é que não se relaciona diretamente com a execução da atividade, mas que ocorre na própria situação de trabalho. Por fim, a linguagem *sobre* o trabalho é a produção de saber sobre a atividade, seja durante a sua realização, entre os próprios atores, seja em algum questionamento posterior (Lacoste, 1998).

A distinção das falas, apesar das suas limitações, tem a vantagem de ter sido a primeira tentativa de sistematização do problema e de ter provocado um deslocamento nas análises. Segundo Lacoste (1998), a explicitação de que a linguagem *sobre* o trabalho é diferente da linguagem *como* trabalho, deslocou a atenção dos analistas, que anteriormente centravam suas pesquisas nas falas dos operadores *sobre* seu trabalho e negligenciavam o papel da linguagem na própria atividade. Nouroudine (2002, p. 18), por sua vez, ressalta que a complexidade do trabalho está na linguagem como um todo, mas se traduz de maneiras diferentes em cada um dos elementos da tripartição das falas.

No contexto de realização desta pesquisa, a distinção das falas é importante porque um dos objetivos pretendidos é a análise das falas dos professores *sobre* o trabalho que, como afirma Nouroudine (2002, p. 26), pode fazer emergir informações relevantes sobre a atividade.

A concepção de linguagem do enunciado concreto e dialógico desenvolvido pelo círculo de Bakhtin (2003) vai ao encontro da complexidade do ser humano e do seu trabalho por considerar a língua como uma atividade concreta de trocas verbais (França, 2004, p. 125).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A língua é, assim, concebida como fruto do trabalho humano de interações entre sujeitos que se dão nas mais diversas esferas de atividade. Para Bakhtin (2003, p. 265), o dialogismo constitutivo da linguagem está presente em cada enunciado, pois “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Nessa perspectiva, o papel do linguista que centra seus estudos nos enunciados concretos é a de um participante daquele diálogo:

A compreensão de enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). [...] Um observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado (Bakhtin, 2003, p. 332).

Por meio da compreensão do enunciado concreto e dialógico como “real unidade da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003, p. 274), a interface entre a Linguística e as Ciências do Trabalho ganha uma nova dimensão: por um lado, não existe atividade humana sem uso da linguagem; por outro, não há linguagem fora de um campo da sua atividade humana.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se trata de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, os resultados são parciais. As análises iniciais parecem confirmar a principal hipótese da investigação: há elementos na atividade do professor de cursos livres que tangenciam a visão taylorista do trabalho.

Entre esses elementos, podemos citar:

1. os requisitos para contratação do professor de cur-

## O ENSINO DE LÍNGUAS

os livres costumam estar mais relacionados ao nível de proficiência linguística que aos conhecimentos teóricos e metodológicos e que a sua experiência;

2. os cursos somente contratam professores que realizam o treinamento, como é frequente na Administração Científica;

3. alguns cursos possuem um manual de procedimento como um dos escritos normativos do trabalho do professor.

4. os cursos costumam buscar a uniformidade no trabalho de todos os professores, bem como previa a Administração Científica;

5. o professor não tem liberdade para escolher o material didático;

6. o livro do professor e o manual do aluno ocupam o papel de escrito normativo descendente.

É importante ressaltar que as análises ainda não foram concluídas e que tais conclusões são, portanto, provisórias.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: *Estetika Sloviésnova Tvórtchestva*.

DAHER, D. C. Enseñanzas del español y políticas lingüísticas en Brasil. Ensino do espanhol e políticas lingüísticas no Brasil. *Revista Hispanista*, Niterói, n.27, 2007. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo216.htm>. Acesso em 2 fev. 2007.

———; SANT'ANNA, V. L. A. *A formação profissional do professor de espanhol língua estrangeira*, 2008 [No prelo].

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FAÏTA, D. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: 2005.

———; DONATO, J. Langage, travail: entre compréhension et connaissance. **In:** SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail* – Pour un approche ergologique. Paris: PUF, 1997.

FRANÇA, M.B. No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do Homo loquens com o ser humano industrializado. **In:** FIGUEIREDO, M.; ATHAYDE, M.; BRITO, J.; ALVAREZ, D. (org.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FREITAS, L. M. A.; BARRETO, T.A. Construindo uma história: a APEERJ e o ensino de espanhol no Brasil. **In:** *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, suplemento, p. 65-77, 2007.

INSTITUTE D'ERGOLOGIE. *Proposition de "Vocabulaire ergologique"*, rédigé par Louis Durrive et Yves Schwartz, 2001. Disponível em: <http://www.ergologie.com/>. Acesso em 01 fev 2007.

LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. **In:** DUARTE, F; FEITOSA, V. *Linguagem & trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. **In:** SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÏTA, D (eds.). *Linguagem e trabalho* – construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

PARAQUETT, M. As dimensões políticas sobre o ensino da língua espanhola no Brasil: tradições e inovações. **In:** MOTA, K.; SCHEYERL, D. (org.). *Espaços linguísticos*. Resistências e expansões. Salvador: UFBA, 2006, p. 115-146

PICANÇO, D. C. L. *História, memória e ensino de espanhol (1942-1990)*. Curitiba: UFPR, 2003.

SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail* – Pour un ap-

## O ENSINO DE LÍNGUAS

proche ergologique. Paris: PUF, 1997.

———. Disciplina epistêmica / disciplina ergológica – Paideia e Politeia. *Pro-posições*. Campinas, vol.13, n.1 (37), jan/abr, 2002, p. 126-149.

———. *Transmitir e ensinar: entre saberes acadêmicos e recriações da experiência*. Como fazer com isso seu ofício do professor? Conferência debate realizada na UNIRIO. Rio de Janeiro, 2004. Mimeo.

SOUZA-E-SILVA, M.C.P. Os escritos no trabalho. I Congresso e IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso. **In:** *Atas....* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

———. A dimensão linguageira em situações de trabalho. **In:** ——. FAÏTA, D. (eds.). *Linguagem e trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.